

ALEXANDRE FRAGA

OESTE

**A GUERRA DO
JOGO DO
BICHO**

1ª edição



EDITOR A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2014

PARTE I

A cúpula

CAPÍTULO I

— **“E**les já têm carteira e arma, querem mais o quê? De-de-delegacia... não pode consertar te-te-telhado de delegacia... tem que de-deixar o te-telhado velho, cheio de bu-buraco: po-po-porque sempre pinga alguma coisaaa.” E eu ouvi isso do governador do estado, Excelência. Os polícias trê-trê-três meses com salário a-atrasadoo... Uma covardia, um descaso com a segurança pu-pu-pública... Como é que os polícias iam fazer pra se virar sem o bicho? Como é que iam arcar com o su-su-sustento da família sem a ajuda da contravenção? Tá-tá lá, todo mês na ga-ga-gavetinha. Se não fosse o meu cliente, os polícias iam ter ficado... com o perdão da palavra... — o punho esquerdo cerrado do advogado batia de leve contra a mão direita espalmada, sua boca querendo cuspir um “f” com “o”. Ele soprou “fo”, “fo-fo”, “fo-fo-fo”, suspirou, relaxou os ombros e desistiu. — De-de-deixa pra lá, Excelência...

O juiz deixou o corpanzil sexagenário escorregar pela poltrona de couro preto, o comportamento de um velho rei que recupera o trono. Mas agora era um rei cansado. Estava de volta à Vara de Execuções Penais contra a vontade, cansara da luta pelo poder. E justamente quando desprezou a fortuna, lá vinha ela ao seu encal-

ço, junto com os espectros do passado, assombrar-lhe os últimos anos de magistratura, os anos que ele queria calmos, tranquilos, surdos, mudos, invisíveis. Mas o seu gabinete de pé direito alto com a estátua da mulher grega vendada, a balança nas mãos; um bar rústico e clássico, farto de bebidas caras; os móveis todos em mogno; a foto do presidente na parede ensejavam uma aura incompatível com homens cansados.

O magistrado encarou Dr. Estélio por um instante. Sem palavras, apenas aquele olhar gélido e felino, investigando o gestual do interlocutor. Estélio foi adiante:

— Afinal, po-po-polícia também é gente.

O juiz rebateu:

— Tenho minhas dúvidas.

O advogado era um gago sob controle, a patologia dependia da emoção para se manifestar. O juiz, inabalável, se dirigiu ao aparador, apanhou uma jarra de cristal e serviu dois copos de uísque. Duplo, dose farta. Enquanto o magistrado, de costas, servia os copos, Dr. Estélio colocou uma maleta preta sobre a mesa. O advogado aguardou ansioso pelo girar de corpo do juiz, que confrontaria a toga negra com a maleta. Tudo era negro naquela sala.

O magistrado terminou de servir as doses, virou-se para a mesa, estendeu um copo para Estélio, sentou-se na confortável poltrona de couro curtido preto e fez um brinde discreto ao seu retorno à Vara de Execuções Penais.

— É bom estar de volta.

Nem um pio sobre a maleta.

O advogado comentou, contendo a saliva:

— Não podia ser em me-melhor hora, Exce... Excelência.

O juiz deu um gole no uísque, travou o malte na goela e iniciou:

— Vai em frente, Estélio. Me conta sua história.

Estélio tinha que desatolar as pernas do pantanoso terreno da Justiça e lembrar os velhos tempos, os arroubos na juventude, “a gente tinha ideais, valores, princípios e toda uma vida pela frente

para mudar o mundo. Lembra disso, Excelência? Éramos tão bravos, corajosos e tã-tã... tão... inocentes.”

O velho juiz nem piscava, acompanhando a retórica de Estélio com goles de uísque.

Eram conhecidos de longa data, sabiam do passado um do outro. Mas as pessoas mudam, os tempos mudam, cautela é um troço que se recomenda. A intimidade já não era mais a mesma, “acho que ele não gostou daquele meu início”. A cabeça do advogado, sob pressão, trabalhava a mil: “controla a dicção, bota ritmo nessa porra”, pensava Estélio. Tomou também de sua dose. “Cumplicidade, troca, camaradagem...” Inspirou fundo e relaxou, coçando o bigodinho fino. Hora da proposta:

— Meu cliente é idoso, sofre do coração, Excelência. Ca-ca-ca... cardioo-patiaaaa. Por uma questão de caridade, ele só quer passar os últimos mo-mo-mentos da vida co-co-com a família.

— O que quer de mim? Soltar o velho eu não posso.

— Quero que ele passe do regime fechado pa-pa... para — ao contrário do juiz, Estélio piscava; a gagueira, na crise, faz piscar — prisão do-do... domiciliar.

— Seu cliente é o líder da cúpula do bicho, um homem em evidência... doutor... a mídia vai fazer um tremendo estardalhaço se eu atender esse pedido.

A imprensa deixava Estélio aborrecido e acelerado. A ira melhorava a fala:

— Dr. Nabor é um homem de bem. A mídia não deveria ter tanta influência no julgamento de um homem bo-bo-bom. O jogo nunca fez mal a ninguém.

O juiz deixou escapar um sorriso sarcástico:

— Seu cliente é um homem com alto poder de corrupção.

Dr. Estélio deixou o indicador dobrado no ar, ponderando:

— O Dr. Nabor tem um alto po-po-poder de persuasão...

O juiz curvou o corpo sobre a mesa e, com a secura que os anos de tribunal lhe conferiram, chamou Estélio à responsabilidade:

— E essa maleta em cima da minha mesa... seria um sinal do tal poder de persuasão do seu cliente?

Era um magistrado objetivo, sem dúvida. “Habilidade, agora muita habilidade. É uma caçada, Estélio, uma caçada, vamos, vamos, num fôlego só, bota ar nesse peito magro...”

— Excelência, eu tenho respeito por esse juízo. Um respeito que não tenho por outros nessa ca-casa de justiça. Tenho admiração por Vossa Excelência. Acompanho a carreira de Vossa Excelência. Já frequentei a casa, conheci a fa-família de Vossa Excelência. Eu jamais ofereceria uma mala a uma autoridade a quem eu conheço há tanto tempo, e pela qual tenho uma a-a-amizade tão sólida e sin-sin-cera.

O juiz seguiu acompanhando o advogado, mexendo a cabeça pra cima e pra baixo.

Estélio encarou o juiz com uma postura determinada, o sangue aquecendo os ossos de seu corpo esquelético. Os braços de Estélio desceram sob a mesa do juiz, o advogado agora também arqueava o corpo, sua testa quase colando na do magistrado, tornando-se um igual. Fez-se um breve silêncio. Muito breve. As veias de Estélio, que lhe marcavam o pescoço desde o início do debate, relaxaram. Então ele concluiu, sem gaguejar:

— Eu trouxe duas malas, Excelência... — E, imponente, bateu com a segunda maleta sobre a mesa do juiz.

CAPÍTULO II

Fazia dias que Duda escondia os olhos do pai, usando óculos escuros a todo o tempo. Pura formalidade. Duda sabia que seu coroa velho, Jamil, um bicheiro conservador, tinha plena consciência do uso que o filho fazia de seu corpo. E que os óculos escuros escondiam mais uma surra que a rua lhe impusera. O bicho proporcionava toda a riqueza e o poder que um jovem podia sonhar. Mas tudo o que Dudinha queria era se ver livre daquele submundo marginal, onde reinavam a grosseria, o ouro e a morte. E aproveitar os belos rapazes dourados do Arpoador, os corpos curtidos de sol, com os músculos trabalhados pelas ondas, os dragões tatuados nos braços. Duda não podia ver um dragão...

Duda não via a mãe havia semanas. Ela vivia enclausurada em seu quarto, na mais clara rejeição ao filho. Jamil aguentava o quanto podia. A verdade se escancarava à frente, sua sucessão era fraca, já que Duda era filho único. Ele já manifestara o desejo de fazer moda na Europa, e Jamil até consultara o velho Nabor sobre a questão: “Manda pra longe, homem! É o melhor a fazer, Jamil. Esse aí orgulho nunca vai dar! Só dor de cabeça.”

Nabor era o chefe da cúpula, sabia plenamente do risco que uma bicha louca à frente de um território, de uma família, representava

para a contravenção: “Manda ele pra Europa e faz um testamento. Escolhe o arrendatário logo, enquanto é tempo. Com discrição, tudo se resolve”, dissera Nabor, ainda de dentro da cadeia, via Dr. Estélio, que teve que exercer essa função de pombo-correio a contragosto, em tempos mais apertados.

— Bichas loucas não sabem o que é discrição — respondera ao advogado um desolado Jamil.

Alheio a toda a problemática, Duda só pensava em seu jovem e generoso coração, que agora era propriedade de Adão, um surfista do Arpoador. Fora uma única vez, na areia, na madrugada carioca, mas com força e intensidade, o suficiente para despertar a paixão de Duda. No dia seguinte, ele foi assistir à performance do amante surfista dentro d’água. Adão parecia mandar em Netuno, as ondas se apresentavam com reverência, e Adão as dominava como um deus. Duda, se pudesse, teria batido palminhas com a última onda surfada por Adão, aproveitando o resto de luz do final de tarde. Cauteloso, ele apenas esperou que o *surf-lover* (foi assim que Adão se identificou quando fez a corte) da madrugada anterior saísse da água. E Adão simplesmente acenou com a cabeça com indiferença e acelerou os passos rumo ao calçadão.

Como assim? E a noite anterior? Nada? Nem um aperto de mãos, um sorriso? Não, não, não aceitava ser descartado dessa maneira... Apaixonado, Duda seguiu seu surfista de prata até o prédio onde residia. Tocou o interfone, falou com o porteiro: “Não saio daqui enquanto ele não me atender!”

O porteiro, curioso, ainda perguntou:

— Mas o que que ele é seu?

— É meu namorado!

Adão recebeu o recado do porteiro, que além de curioso era sacana: “Seu namorado está aqui na portaria.” Adão desceu as escadarias do prédio como uma bala:

— Que porra é essa, tá maluco? — Adão sussurrou, ao chegar à portaria, apontando o dedo para Duda.

- Poxa, Adão, eu só queria te ver!
- Que negócio é esse de namorado?
- Que que foi? Não podia contar, não?

Adão não tomou conhecimento da ponderação. Avançou contra o novo namorado e surrou, socou, pisou nas mãos, cuspiu, chutou o corpo de Duda, o mesmo corpo de que se aproveitara na madrugada anterior. Sem misericórdia, sem piedade. Jogou um Duda desacordado na calçada em frente ao prédio, como se fosse o lixo do dia.

Duda foi socorrido por um salva-vidas de Ipanema, que passava na hora pelo local e com quem já tinha trocado alguns carinhos, após uma simulação de afogamento. Passou uns tempos no apartamento do rapaz e pediu a ele discrição, se é que isso era possível. Deu-lhe ainda algum dinheiro. Voltou pra casa com os óculos escuros, ocultando o roxo dos olhos. Jamil fingiu que não viu.

Apenas fingiu.

CAPÍTULO III

O Ponto Zero, no bairro de Benfica, era um bom lugar pra cair, depois de ir em cana. Pra se hospedar lá, o preso deveria ter nível superior, grana ou um bom advogado. Passava o dia tomando banho de sol, jogando conversa fora com seus colegas de cadeia, filando um cigarrinho ou uma cerveja, que corriam de mão em mão, ignorados pelo sistema.

Nabor de Cavalcante preenchia todos os requisitos, e durante sua estada os cigarros foram trocados pelos charutos e a cerveja, pelo uísque. O velho capo era querido pelos internos e pela administração penitenciária, que também recebia seus regalos. Por isso, o alvará que conferia “liberdade” a Nabor caiu como uma bigorna sobre a cabeça de todos.

“É domiciliar, não liberdade.”

Funcionava como ordem de soltura, todos sabiam. Viera pela manhã, mas os colegas de trabalho de Nabor resolveram lhe oferecer uma festa, o que acabou prolongando sua estada no xadrez até o cair da noite. Os garçons passeavam à vontade pelo pátio e dependências, servindo camarões, lagostas e drinks sobre bandejas de prata. E entre um drink e um charuto, vinham os pedidos:

— Patrão, guento mais isso aqui, não. Foram me buscar no Nordeste! Quero voltar pra Salvador.

— Em Salvador não tem uísque nem lagosta. Não é tão ruim assim aqui, você guenta mais uns meses...

— Meses, patrão? É o senhor sair por essa porta e a dureza voltar pra dentro da cela.

Nabor segurou o ombro do contraventor:

— Vou brigar por você, meu querido. Por todos vocês.

O bicheiro baiano, do escalão inferior, deu um beijo no rosto do velho chefe e abriu espaço para o segundo da fila:

— Doutor Nabor, me empresta teu advogado. Aquele juizinho muquirana me deu dez anos, não custa lembrar o senhor...

De sua cela, com a porta aberta, Plácido, genro de Nabor, apreciava o conagraçamento. Não era mais um jovenzinho, estava na casa dos quarenta, por isso aproveitara o tempo de reclusão para fortalecer o corpo com exercícios físicos diários. Também fazia questão de se mostrar útil, participava do preparo das refeições todos os dias, fiscalizava cada prato e cada ingrediente que entravam no presídio. Nabor era um homem poderoso e ponderado, mas, como todo bicheiro, tinha inimigos tanto no Estado quanto na contravenção. O cuidado e a guarda prestada pelo genro, a juventude leal posta a serviço do capo, deviam ser recompensados, apesar de tudo...

Apesar daquele lapso...

O poder do sogro era imenso. Plácido ficava perplexo ao constatar a subserviência dos homens a Nabor. Aquele corpo antigo, rodado, parecia envolto em uma aura lilás que quase o fazia levitar. Os cabelos brancos não o enfraqueciam. Experiência, sabedoria, conexões, estratégia... Aprendera muito com o sogro ao longo daqueles anos de cadeia, tinha por ele um respeito que beirava a devoção. Mas sem a subserviência dos homens comuns.

Nabor soprou a fumaça do charuto antes de responder ao segundo da fila, que não se cansava de reclamar do juiz:

— O cretino teve seus cinco minutos de fama, mas agora está fora, virou até deputado. O tribunal voltou a ser nosso.

O preso chegou mais perto de Nabor e com os olhos apontou para o genro do bicheiro, que arrumava as malas da dupla dentro da cela:

— Isso é que é sogro, hein? Livrou o cara, puta que o pariu...

Nabor respondeu em voz alta, aproximando-se de Plácido:

— O que a gente não faz pelas filhas... agora ele tá mais bem preparado, pode contar com isso — completou, dando um tapinha nas costas do genro, seguido por um afago no pescoço.

A façanha de Dr. Estélio não se restringia a trazer Nabor de volta ao lar. Ele conseguira um milagre com suas malas: botou Nabor na domiciliar e de quebra livrou Plácido das grades, por excesso de prazo na preventiva.

Os bicheiros tinham caído por força de um descuido do genro de Nabor, tempos atrás. Na visão de Plácido, todo policial era corrupto, todo homem tinha um preço. E havia um tira na Corregedoria da Civil, um tal de delegado Munhoz, que vinha trazendo problemas ao esquema da contravenção, interrogando chefes de delegacia, estourando pontos de bicho, prendendo apontadores, apreendendo talonários, dinheiro, o escambau. Um louco completo, um dom-quixote carioca, um comportamento incompatível com o cargo.

— Tá querendo que alguém chegue junto — apostou Plácido, à época.

Nabor foi mais conservador:

— Talvez seja um polícia honesto. Deixa o sujeito fazer o trabalho dele. A gente acerta por cima depois.

— Conheço um polícia que já trabalhou com o cara. Diz que não é santo, não, dá pra acertar por baixo.

Nabor lavou as mãos.

Plácido fez contato com o tal polícia amigo. Ficou de frente com Munhoz, num café sofisticado, na Rua da Assembleia. O de-

legado era homem de poucas palavras, mas ao final da conversa pareciam ter chegado a um acordo:

— Podemos marcar sempre nesse mesmo lugar.

Munhoz permaneceu calado, segurando a xícara de café.

— Todo dia primeiro.

Munhoz deu um gole no café.

Não havia clientes nas mesas vizinhas. Estavam a sós.

Plácido tirou um envelope pardo de dentro de uma pasta. Confiante, pôs o envelope gordo em cima do prato do homem da lei.

— Isso fica pelo primeiro mês.

O delegado olhou para o envelope e permaneceu parado, com as mãos circundando a xícara de café posta à mesa. Em seguida, olhou para a pasta pousada nas mãos de Plácido. O silêncio da autoridade tornava tudo mais constrangedor. O delegado apalpou o envelope. Em seguida, abriu e começou a contar o dinheiro em cima da mesa, jogando as notas sobre o prato onde fora servido um sanduíche de parma.

— Ei, tá tudo aí, não precisa contar, não!

O delegado continuou a espalhar as notas sobre o prato, como se estivesse servindo a janta. Depois de juntar todo o dinheiro do envelope, ele voltou o pescoço para trás e levantou o braço:

— Garçom, traz a conta.

Plácido devia ter pensado duas vezes antes de colocar o dinheiro na mesa. Amigos a gente faz em mesa de bar, mas não tomando café. Não era todo mundo que tinha o talento de Dr. Estélio.

Dois polícias invadiram a cafeteria e renderam Plácido. Os tiras algemaram Plácido com as mãos pra trás, conduzindo o bicheiro aos tapas em direção à porta de saída.

— Tá em cana, filhinho.

Munhoz terminou o café, levantou-se e bateu nas costas da equipe:

— E essa pasta aí? — O delegado resolveu esculachar. — Que tipo de imbecil vem encontrar com polícia todo documentado?

Plácido saíra de casa com a pasta errada. Tinha vários modelos, em preto e marrom. A escolhida do dia portava toda a lista do bicho, com propinas pras delegacias, batalhões, tribunais, jornais...

Um descuido, mas que resultou numa grande merda...

Plácido foi levado pra delegacia. Antes que o secretário de Segurança, o governador ou o chefe de Polícia pudessem se movimentar para tirar o flagrante das mãos de Munhoz, ele chamou a imprensa, um dos jornais que não estavam na lista de propinas da contravenção. Foi um estardalhaço dos diabos. Um exército de advogados do bicho foi pra frente da delegacia, se misturar com os jornalistas e radialistas. Lá dentro, o delegado tocava o interrogatório de Plácido:

— “14º Orfanato azul e branco”... O senhor pode me dizer o que é que significa isso?

— Um orfanato, ué.

— Não seria o batalhão da PM em Bangu?

— O senhor tá com cisma de polícia. A PM do Rio é correta, honesta.

— Um mosteiro...

— Não, mosteiro, não, tá escrito aí: orfanato. Na minha família, a gente faz muita caridade.

Munhoz voou pra cima do pescoço de Plácido. Mas Dr. Estélio estava lá pra impedir:

— Oh, oh, va-va-vamos com calma, doutor.

No fim das contas, Plácido conseguiu livrar o pessoal do 14º, mas os bicheiros tiveram que amargar sua primeira derrota. Agora, com a liberdade restituída, Plácido experimentava o poder especial de ser o genro do homem mais poderoso da cúpula do bicho. Era impossível deixar de notar o olhar de inveja e certo rancor daqueles que ficavam para trás, em Benfica, por culpa dele, mas isso é a vida. A sorte e a fortuna não têm tantos sorrisos para distribuir. Em dois anos de cana, ele se aproximara ao máximo do sogro e se sentia preparado para assumir, quando chegasse o momento, o comando de sua família.

CAPÍTULO IV

Na Capela de Santo Inácio, Antenor Libanês reuniu os homens da cúpula do bicho e suas famílias para celebrar a volta do capo. Nabor não pôde comparecer, não queria submeter o padre que celebraria a missa a constrangimentos. Já estava dando suas saídas, sempre à noite, obedecendo às restrições impostas pela Justiça e sempre lembradas por Dr. Estélio. Sair de dia seria um abuso, uma esculhambação, ao menos na primeira semana. Essa limitação no ir e vir de Nabor acabava sendo conveniente para Libanês. Expunha a limitação do capo, um homem que não podia sair à luz do sol se tornava um vampiro. Nabor só podia sugar o sangue à noite...

Nos tempos em que Nabor permaneceu às expensas do Estado, Antenor Libanês se manteve à frente da cúpula. Experimentou o gosto pelo poder, a bajulação de seus pares, a admiração das mulheres... e descobriu que o dinheiro que antes tinha era dinheiro pequeno perto do que a posição de capo proporcionava. Sentou a mesas com políticos, desembargadores, donos de emissoras de TV. Mesmo com seu nariz torto e malfeito, fodeu jovens atrizes, modelos, damas da alta sociedade; mulheres solteiras e casadas. A sensação era de que poderia ter fodido até a mais pudica das freiras, algemando-a num

altar cristão e gritando palavras de ordem a Cristo. E depois despejar um maço de notas sobre seu corpo vilipendiado.

Mas agora Nabor estava de volta, com seu inevitável carisma, e a liderança inata que não havia como ser arrancada de seus punhos. Por quê? Por que as coisas tinham que ser assim? Eram contemporâneos, por que não fazer um revezamento, uma coisa mais justa, uma alternância no poder? Ele gostava de Nabor, mas questionava, em seu íntimo, a concentração de poder nas mãos de um só homem. A não ser que esse homem fosse ele...

Antenor olhava ao seu redor, a igreja lotada de contraventores, agregados e seus familiares. O respeito por Nabor tornara o bicho, em sua essência, uma religião. Aqueles homens, todos eles, tinham as mãos sujas de sangue e, numa sacra hipocrisia, repetiam as orações de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Virgem Maria de cabo a rabo, não perdiam um verso sequer, uma estrofe, talvez na esperança de terem seus pecados absolvidos:

“Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo...
tende piedade de nós.”

Chegava a hora da comunhão. A hóstia sagrada derretendo na língua de assassinos comuns, protagonistas de uma guerra suja e secular. Mas o maior pecador do grupo, aos olhos de Antenor, não sujava as mãos. O maior pecador era aquele que acabara de subtrair o poder de suas mãos.

Libanês acompanhou o momento em que Dr. Estélio deixou que o padre colocasse a hóstia em sua boca. O advogado retornou ao banco de madeira sacra e ajoelhou na tábua acolchoada. Contrito, colou a testa sobre as duas mãos entrelaçadas. Libanês sabia por quem ele estava rezando, por quem estava agradecendo.

“Ele jamais rezaria por mim... jamais rezaria por mim.”

Libanês encaminhou-se para o altar e serviu-se também da hóstia. Imitando os gestos de Dr. Estélio, ajoelhou-se na tábua em frente ao banco de madeira. E rezou, mas não exatamente pela saúde de Nabor...

CAPÍTULO V

Nabor recebeu o relatório de Libanês com os ganhos da descarga, o “banco” da contravenção. Embora um tanto quanto conservador, Libanês mantivera o banco de pé, com lucros decentes para todos. Antenor enviara os relatórios por um empregado, que informou a Nabor que o capo em exercício não comparecera pessoalmente a fim de evitar problemas com a Justiça. Nabor não se incomodou. Mandou agradecer a missa celebrada e deu uma generosa gorjeta ao rapaz.

O primeiro a visitar Nabor, na Atlântica, foi Jamil, o dono de Jacarepaguá, um bicheiro inconformado com a escolha sexual de seu filho único, Eduardo, sem solução.

A vida na orla da Zona Sul, em especial a tradicional avenida em Copacabana, era um sinal de força, e a maior parte dos chefes do bicho, donos de área, preservava um imóvel naquela praia. Jamil tinha também a sua cobertura de frente pra praia de Copa, e sempre foi um dos homens fortes do negócio. A vaidade o aproximava de Nabor, via seus cordões de ouro, pulseiras, relógios e anéis com pedras como um componente do sucesso da contravenção. Os homens querem fazer negócio com gente alinhada, não com plebeus duros ao volante de um carro popular.

Jamil chegou apoiado numa bengala com cabeça de tigre, feita em prata, seu estandarte na contravenção.

— Você voltou da cadeia melhor que antes.

Não era verdade. Nabor, mesmo tendo se alimentado bem nos dias de xadrez, estava mais magro. Seus cabelos estavam mais ralos e alvos como neve, e era necessário penteá-los para trás com gomalina, a fim de disfarçar a calvície. Eram homens velhos, todos eles, mas não haviam perdido a vaidade.

Jamil chegou lamentando aquele problema insolúvel, a masculinidade do filho:

— A mãe já nem deixa mais o quarto. Não consegue nem olhar no rosto dele.

— É difícil imaginar que da tua seiva vai sair um troço desses. Você vê crescer, troca as fraldas, vira as noites, bota pra dormir, e olha só o resultado...

O ex-combatente da Segunda Guerra estava amargurado, destruído. Nabor o confortava como podia:

— Vamos falar de coisas boas, meu amigo. Afinal, tô solto de novo, ao seu lado. Velhos e soltos. Bichos soltos.

— Não tem nada de bom em ter um filho veado. É como se tivesse trabalhado a vida inteira pra nada. O jeito dele andar me incomoda, o jeito dele falar me incomoda, o jeito dele morder uma maçã me incomoda. O pior — então Jamil abaixou a cabeça, inconsolável — é que isso tudo é culpa minha... fui eu que fiz... não me conformo.

— Mordendo a maçã deve incomodar mesmo.

— E ainda tenho que suportar o achincalhe dos meus amigos, meus colegas de trabalho...

— Desculpe, eu acabei de sair do xadrez. Ouvi tanta sacanagem nesses tempos... tô com meu senso prejudicado.

— Prejudicado ou não, você está aí, me sacaneando. Eu sou um ex-combatente da FEB, não tinha que admitir ninguém me saca-

neando, nem você, nem ninguém... Agora carrego essa cruz... esse filho devasso... essa aberração...

Nabor espalmou as mãos, num gesto contemporizador. Um empregado servia ovos de codorna, outro lhes enchia os copos com vinho, ambos trajando seus smokings brancos, impecáveis. Nabor aguardou a saída dos garçons e observou:

— Ei, Jamil, veja a realidade: ele contrariou a Natureza, e não tem Deus que vá mudar isso. Você precisa arrumar um sucessor. Adota alguém, ué! Tá cheio de moleque forte aí pela rua, procurando serviço!

Jamil rosnou como um cão vira-lata:

— Tenho medalha na guerra. Não vou dar meu sobrenome pra sangue sujo.

— Pro veadinho você dá, né?

Jamil se segurou pra não perder o controle. Nabor manteve o semblante grave, certo de que colocara o “colega de trabalho” em seu lugar, e que o respeito o manteria sentado onde estava.

— Tô com uma prioridade — desviou Jamil.

— Do que precisa?

— Tenho alguns bombeiros da praia trabalhando pra mim. Me contaram que meu filho... o Eduardo... foi surrado pelo... pelo... por um “amigo”. Um sujeito tosco, um playboy, com um dragão tatuado no braço.

— E eles querem pegar o serviço?

— Se ofereceram. Mas eu preferia alguém que não fosse ligado a mim.

Nabor assentiu com a cabeça e acendeu um charuto.

— De que precisa?

— Basta Já Morreu.

— Já Morreu é homem de Glauco Astuto.

— Glauco Astuto está doente, você sabe disso. Não volta mais. E é bom que não volte mesmo, o verme. E Já Morreu, agora, trabalha pra você. Não diga que não.

— Por que escolheu Já Morreu?

— Já Morreu é prático e rápido com essas coisas.

Nabor não gostava de banalizar o valor da vida:

— Jamil, meu velho, pensa bem no que você tá fazendo: o Dudi-nha... o Eduardo... o Eduardo é boiola, homem! Gosta de garotão de praia! Vai parar, não! Aceita a realidade! É uma merda, mas é a realidade! Porra, eu vi Dudi... — Nabor pigarreou, eximindo-se da intimidade — o Eduardo garotinho ainda, bonitinho o menino... mas não tinha jeito, Jamil! Não é culpa sua!

Jamil baixou a cabeça. Nabor tentou dar uma decisão:

— Vai eliminar todos os playboys tatuados da Zona Sul?

— Não, Dr. Nabor — o chefe da cúpula apertou os olhos ante o sarcasmo de Jamil —, só esse merdinha que surrou meu filho. Dudi-nha pode ser uma bicha, um depravado, uma aberração, mas é meu filho. Meu sangue — Jamil completou de forma seca, batendo nas veias do braço.

— E por que não procurou Libanês antes?

O sangue do velho Jamil ferveu, a pele toda vermelha:

— Quer que eu assuma minha desgraça pra contravenção inteira?

Nabor inspirou fundo e mexeu a cabeça pra cima e pra baixo, num sinal de anuência. Sim, era uma desgraça, ele devia ser compreensivo com as dores daquele pai. O capo segurou os ombros de Jamil, o homem estava próximo de um colapso:

— Já Morreu tem um serviço urgente a cumprir, pra mim. Depois disso, eu o libero — prometeu Nabor, aproximando-se da janela da varanda e inspirando o cheiro da maresia, como se pedisse a bênção do mar.

Jamil apareceu por trás do chefe e encerrou:

— Nada pode ser mais urgente que vingar um filho.

Nabor corrigiu, conferindo as ondas do Posto 5, que explodiam na areia:

— O poder é mais urgente.